



A ECOLOGIA POLÍTICA DE POPULAÇÕES QUILOMBOLAS: UM PERFIL DEMOGRÁFICO E SOCIOECONÔMICO

N. N. Pedroso-Junior^{1,2}, R. S. S. Murrieta^{1,2}, Munari, L. C^{1,2}, Ruivo, A. P.², Navazinas, N.², Taqueda, C.S.^{1,2} & D. V. Bernardo²

¹ Departamento de Ecologia, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, Brazil. ² Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos, Departamento de Genética e Biologia Evolutiva, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO E OBJETIVO:

Este resumo apresenta o perfil demográfico e socioeconômico de nove comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, sudeste do Estado de São Paulo, com ênfase nos fatores diretamente ligados a agricultura tradicional. A análise dos dados censitários é feita com o objetivo de identificar e caracterizar os fatores mais intimamente ligados às mudanças recentes nas estratégias de subsistência dessas comunidades e as formas como estão se ajustando às mesmas. O panorama no qual se encontram essas comunidades segue uma tendência global de mudanças significativas nas práticas agrícolas e nas estratégias de subsistência que caracterizam a situação atual das populações pobres rurais ao redor do mundo (Walker & Homma, 1996). Dentre estas, talvez a mais importante seja a intensificação da agricultura tradicional, causada principalmente por fatores tais como o aumento populacional, a crescente inserção no mercado e as restrições impostas pelas legislações ambientais nacionais (Padoch et al, 1998; Byron & Arnold, 1999).

As comunidades quilombolas do Vale do Ribeira estão numa região coberta em sua maioria por floresta ombrófila densa, que constitui um dos remanescentes mais representativos de Mata Atlântica brasileira. Ao mesmo tempo, a região é considerada a menos desenvolvida economicamente e a menos povoada do Estado de São Paulo, abrigando também o maior número de comunidades remanescentes de quilombos. A estrutura produtiva dessas comunidades é baseada principalmente na prática da agricultura de subsistência e na comercialização do excedente de sua produção (Andrade *et al.*, 2000). Desde a formação das primeiras aglomerações de escravos libertos e foragidos, no século XVIII, essas

comunidades têm vivenciado momentos de retração e de expansão das relações estabelecidas com as cidades próximas e com o mercado regional, adaptando-se e ajustando-se a essas mudanças. No entanto, nas últimas cinco décadas houve um aumento significativo dos fatores externos que, de forma direta ou indireta, causaram uma aceleração das mudanças nos padrões de subsistência que eram mantidos até então. Dentre estes fatores podem ser citados a introdução do cultivo da banana e a extração do palmito juçara (*Euterpe edulis*), a partir da década de 30, e a construção de uma rodovia na região e a criação de uma série de unidades de conservação, a partir da década de 50.

MATERIAL E MÉTODOS:

Para a coleta de dados censitários foram elaborados dois questionários, um demográfico e outro sócio-econômico. Estes foram aplicados em todas as unidades domésticas de 9 comunidades quilombolas da região no período de outubro de 2003 a abril de 2005. Os questionários forneceram dados censitários básicos e informações acerca dos meios de renda e subsistência dos moradores. Informações etnográficas também foram levantadas para complementação dos dados censitários. Estas se deram através da aplicação de entrevistas semi-estruturadas (ver Bernard, 1994) aplicadas ao indivíduo ou casal identificado como os chefes das unidades familiares, durante incursões guiadas às roças e aos jardins-quintal. A investigação enfatizou os aspectos (atuais e históricos) sócio-econômicos, políticos e ambientais que influenciam (ou determinam) as tomadas de decisão em relação às atividades agrícolas realizadas pelas unidades domésticas.

RESULTADOS:

A população das nove comunidades totalizou 2032 indivíduos, pertencentes a 479 unidades domésticas, com uma média de 4,2 moradores por unidade doméstica. A área total abrangida pelas terras demarcadas para os 9 remanescentes de quilombos é de 35.859,60 ha, que corresponde a cerca de 5,67 habitantes por km². Dentre os chefes de família, o contingente sem escolaridade é de 42,7%, distribuindo-se entre analfabetos e alfabetizados, e o restante é na sua maioria composto por pessoas com o primeiro grau incompleto (45,8%). Em relação às religiões professadas nas nove comunidades estudadas, é evidente o predomínio de católicos nas comunidades mais afastadas, ao passo que as mais próximas da rodovia possuem maior contingente de evangélicos. Esses dados parecem apontar para a influência da rodovia como facilitadora da chegada e instalação de igrejas evangélicas na região. A principal fonte de renda das unidades domésticas é o recebimento de benefícios como aposentadorias (40,5%) e bolsa-família ou bolsa-escola (33%). Em seguida destacam-se a venda de parte da produção agrícola como fonte de renda familiar (34,2%), o recebimento de diárias por serviços prestados em roças de terceiros (25,4%) e a renda proveniente de atividades extrativas de produtos florestais (23,1%). Embora apenas um terço das unidades domésticas obtenha recursos através da venda de sua produção agrícola, a grande maioria a pratica para sua subsistência (93%).

DISCUSSÃO:

Em termos gerais, é possível notar a erosão do sistema agrícola de corte-e-queima. Um exemplo disso é que 80,5% das unidades domésticas reportaram ter problemas na produção agrícola. Dentre eles, a legislação ambiental (43,8%) foi o problema mais citado, dada a dificuldade de se conseguir licença para abrir novas áreas de roça. Por outro lado, a presença da rodovia na região trouxe oportunidades de renda através de trabalhos associados ao turismo e artesanato e de acesso a centros urbanos próximos, facilitando o escoamento de produtos agrícolas. Isto vem estimulando os agricultores a priorizar o cultivo de variedades agrícolas mais comercializáveis. Estes fatores, associados à quantidade também crescente de provimento de subsídios e benefícios governamentais, acabaram por aumentar em parte a renda nas unidades domésticas. A somatória das dificuldades de abertura de novas

roças ao aumento de renda parece ser a principal equação causadora do abandono ou diminuição das áreas destinadas à agricultura de corte-e-queima. A redução dessas áreas acaba por favorecer a intensificação agrícola através da redução do período destinado ao pousio e aumento dos ciclos contínuos de cultivo (Metzger, 2002). Essa tendência é responsável pelo declínio na fertilidade do solo e, conseqüentemente, muitos agricultores quilombolas acabam por promover a intensificação do cultivo de espécies e variedades agrícolas nos jardins e quintais e em áreas próximas as residências, onde podem manejar melhor o solo na tentativa de reduzir a perda de fertilidade.

CONCLUSÃO:

Por fim, a erosão gradual do sistema de coivara também parece estar relacionada à diminuição de membros da unidade doméstica envolvidos com atividades agrícolas, além da redução de outras formas tradicionais de alocação de trabalho, como os mutirões, que acabam por reduzir significativamente a mão-de-obra disponível a essas atividades. Conseqüentemente, parte do conhecimento associado a esse sistema tradicional de subsistência está se perdendo, bem como espécies e variedades de cultivares locais. Esse processo de erosão do capital social associado ao trabalho agrícola acaba por tornar o sistema menos resiliente (Berkes e Folke, 2000) e, assim, mais propenso ao colapso. Por outro lado, é possível notar algumas tentativas de articulação social entre os agricultores na busca por estratégias alternativas de subsistência, tanto coletivas como individuais. A formação de uma horta comunitária para cultivo de espécies comercializáveis e o aumento de filhos envolvidos com a agricultura comercial familiar são exemplos disso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, T., Pereira, C.A., Andrade, M.R. (Eds.) *Negros do Ribeira: reconhecimento étnico e conquista do território*. 2ª ed. São Paulo: ITESP: Páginas e Letras – Editora Gráfica, 2000.
- Bernard, H.R. *Research methods in Anthropology: qualitative and quantitative approaches*. London / New Deli: Sage Publications, 1994.

Byron, N. & Arnold, M. What Futures for the People of the Tropical Forests? *World Development*, v.27, n.5, p.789-805. 1999.

Metzger, J.P. Landscape dynamics and equilibrium in areas of slash-and-burn agriculture with short and long fallow period (Bragantina region, NE Brazilian Amazon). *Landscape Ecology*, v. 17, n. 5, p. 419-431, 2002.

Myers, N., Mittermeier, R., Mittermeier, C.G., Da Fonseca, C., Kent, J. Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature*, v. 403, p. 853-858, 2000.

Padoch, C., Harwell, E., Susanto, A. Swidden, sawah, and in-between: agricultural transformation in Borneo. *Human Ecology*, v.26, n.1, p.3-21. 1998.

Walker, R. T. & Homma, A. K. Land use and land cover dynamics in the Brazilian Amazon: an overview. *Ecological Economics*, v.18, p.67-80. 1996.

(Apoio financeiro: FAPESP – Processo 05/00117-9; CAPES)